

RAÍZES

Seriado criado por
WAGNER JALES

Episódio escrito por
BETO IGNEZZ

Episódio 06
FAMÍLIA TRADICIONAL

Esse texto é propriedade de seu autor e da ONTV. Qualquer violação dele pode acarretar punição nos termos da lei de Direitos Autorais.

A lenda do Negrinho do Pastoreio narra a história de um menino negro que trabalhava em uma fazenda, até que perdeu um cavalo muito caro do seu patrão. Como forma de castigá-lo, o menino foi jogado em um formigueiro, onde morreu. Então, retorna à vida com o cavalo perdido e a Virgem Maria.

A mula-sem-cabeça é a história de uma mulher que possuía um caso extraconjugal com um padre. Como forma de castigo, a mulher se transformava em uma espécie de mula marrom com fogo no lugar da cabeça nas noites de quinta-feira. A mulher volta ao normal apenas ao cantar do galo.

ELENCO

ADRIANA LESSA como Quitéria

DANIELA ESCOBAR como Adelaide

LEOPOLDO PACHECO como Ramon

NICOLAS PARENTE como Nino

SAMUEL DE ASSIS como Delcídio

ALANIS GUILLEN como Olivia

CAROL GARCIA como Betina

JAFFAR BAMBIRRA como Ezequiel

ROMEU EVARISTO como Nivaldo

01. EXT. FAZENDA GONZALES - IMAGENS GERAIS - DIA.

CAM abre em uma bela fazenda, bem cuidada e organizada. O casarão principal é bonito, boa pintura na cor verde clara, com flores no parapeito das janelas do térreo e uma ampla varanda circundando todo o imóvel.

Bois correm no pasto, vacas amamentam os seus bezerros, galinhas ciscam no galinheiro e cavalos correm por um amplo gramado ao lado de alguns funcionários da fazenda, guiando os bichos para se alimentarem.

CORTA PARA:

02. EXT. FAZENDA GONZALES - ESTÁBULO - DIA.

Um menino negro, magro, cabelo raspado e mal cuidado sai do estábulo. Assiste ao fazendeiro Ramon Gonzales, um homem alto e imponente, montar em um belíssimo cavalo branco de crina loira.

RAMON

Está vendo, Nino? Vê como esse alazão é bonito?

NINO

É mesmo, patrão, ele é muito bonito.

RAMON

Pois é, e me custou uma nota. Você há de cuidar desse cavalo melhor do que da sua vida, entendeu?

Nino assente com a cabeça.

RAMON

Se você se descuidar e acontecer qualquer coisa com meu alazão, eu te jogo em cima do ferro quente de marcar o gado, ouviu bem?

Nino engole em seco, assustado. Assente novamente, dessa vez com acanhamento. Ramon dá gargalhadas sobre o cavalo.

03. INT. FAZENDA GONZALES - CASARÃO - SALA DE ESTAR - DIA.

CAM busca uma elegante mulher fina e alta em uma das janelas da ampla sala para dois ambientes com piso de madeira e decorações rústicas.

De longe, a mulher assiste Ramon ensinar Nino a selar seu novo cavalo. Nino erra e recebe um cascudo na cabeça de Ramon. A mulher revira os olhos, visivelmente impaciente.

O capataz da fazenda, um homem alto e barbudo, se aproxima da elegante mulher. Ele suavemente toca seu ombro, chamando a atenção dela.

NIVALDO

Licença, senhora. O patrão tá lhe chamando lá fora, quer mostrar a nova aquisição da fazenda. Ele tá todo orgulhoso com o alazão que comprou.

ADELAIDE

Avise a ele que só verei depois, estou de saída para a cidade.
Diga que vou à igreja, preciso orar e confessar meus pecados.
Retorno antes de anoitecer. Com licença.

Adelaide se retira. Nivaldo assiste à patroa caminhar até atravessar a porta da frente.

NIVALDO

(pensa alto)
Essa daí vive indo à cidade,
nunca vi ter tanto pecado assim.
Coisa boa não há de ser...

Em Nivaldo sorrindo com cinismo.

04. INT. IGREJA - SALÃO PAROQUIAL - DIA.

Adelaide entra na igreja e prontamente se benze. O salão está vazio, apenas o padre está presente, no altar, arrumando o local. O padre olha para Adelaide. A mulher caminha altiva, segura, no corredor de bancos de madeira.

CORTA PARA:

Adelaide e o padre Delcídio se beijam ardenteamente sobre o chão, atrás da mesa do altar. O padre levanta o vestido da amante e usa uma das mãos para subir pela perna dela até a região genital. Adelaide suspira.

Delcídio segura Adelaide firmemente, sobe em cima dela e levanta sua batina. Os dois começam a fazer sexo com penetração em pleno salão da igreja. Adelaide geme de prazer, o padre sorri.

De repente, o padre Delcídio toca no ombro de Adelaide, fazendo-a despertar do devaneio. Adelaide sorri sem jeito diante do padre.

DELCÍDIO

Bom dia, minha filha. Dona Adelaide? Está precisando de alguma coisa? Está aérea...

ADELAIDE

(sem jeito)

Oi, padre... Desculpe, eu estava longe. Vim para me confessar. Acho que estou cheia de pecados e maus sentimentos pra desabafar. Não gosto de carregar essas coisas dentro de mim, o senhor sabe bem.

DELCÍDIO

Vamos ao confessionário para que você possa falar.

O padre acompanha Adelaide rumo ao confessionário. Os dois deixam o enquadramento.

05. INT. FAZENDA GONZALES - CASARÃO - QUARTO DE OLIVIA - NOITE.

Uma jovem de estatura média, cabelos cacheados pretos e vestido com rasgões enormes rabisca algo com carvão em uma parede branca. A pintura, à primeira vista, parece algo rupestre ou abstrato.

Olivia parece desenhar uma pessoa com diversos insetos por todo o seu corpo. Depois, desenha uma casa idêntica à da fazenda, ilustrando chamas de fogo consumindo a estrutura do imóvel. O pedaço de carvão se quebra, Olivia para e fita seus desenhos.

06. EXT. FAZENDA GONZALES - PASTO - DIA.

O céu está limpo, o pasto de grama bem verde, onde se destaca um formoso alazão que corre, se exercitando ao ar livre. Apoiado à porteira, onde mastiga um ramo de trigo, Ramon admira fascinado o seu cavalo preferido correr pelo pasto.

CAM dá um giro e mostra Nino, apenas com as vestimentas inferiores, que guia um grupo de ovelhas até um cercado de madeira. Uma das ovelhas ameaça escapar, no que Nino grita para chamar sua atenção. Ele continua berrando para reunir as ovelhas rumo ao local cercado.

Ramon se distrai com os gritos do garoto e logo franze o cenho, impaciente.

RAMON
(tom alto)
Ei, garoto!

Nino prende as ovelhas e segue até o patrão.

RAMON
Leve o meu cavalo para tomar água
no riacho ao sul!

NINO
Senhor, há três dias havia muitos
jacarés e cobras nesse riacho,
pode não ser boa ideia/

RAMON

Você vai levar o cavalo até lá, é uma ordem! Meus homens mataram os jacarés daquela região mais cedo, estão limpando atrás do celeiro para o farto jantar que vai ser servido hoje. Não seja frouxo! Você é um homem ou uma catita?

NINO

(gagueja)

Sou um homem... Quer dizer, um menino, mas serei um homem.

RAMON

Muito bem! Ah, e chegue a tempo para poder se sentar à mesa para o grande banquete. Agora vá, ande ligeiro e tome conta do cavalo.

NINO

Talvez não tenham caçado todos os jacarés.

(tenso)

Senhor, eu tenho medo deles!

Ramon ameaça dar um tapa no rosto do garoto.

RAMON

Vira macho, cabra safado! Já me certifiquei de que o riacho está seguro, não mandaria você e o meu cavalo a um lugar sem segurança. Não quero colocar meu animal em risco.

Nino abaixa a cabeça, demonstrando medo.

NINO

(abnegado)

Vou levá-lo até o riacho. Com licença, Senhor!

Nino pega a cela do cavalo sobre a porteira e segue até o animal, que parou de correr e agora está pastando a alguns metros dali. Ramon observa Nino chegar até seu cavalo, que

é dócil e acostumado com o garoto. O cavalo reage ao menino, aceitando suas carícias.

RAMON

(pensa alto)

Homem? Hum, sei...

(esboça um sorriso)

Esse menino parece que veio
avariado. Nunca vi cabra macho de
verdade ser tão medroso assim.

Em Ramon atento.

07. INT. FAZENDA GONZALES - CASEBRE - DIA.

Um altar com velas brancas e vermelhas enfeita um canto do casebre, onde também se encontram duas camas, um fogão à lenha e um tacanho espaço para se banhar, tudo sem paredes ou divisões.

No chão da pequena casa, vários dentes de animais que formam desenhos estranhos. Há também facas e machados pendurados em uma parede como se fosse decoração.

CAM mostra uma bela mulher madura, negra, alta, cabelos cacheados: é Quitéria. Com uma faca afiada, ela separa as castanhas de um fruto desconhecido. Quitéria limpa o suor vertente da sua testa e logo retorna à tarefa com outro fruto.

Nivaldo bate à porta da frente por três vezes seguidas enquanto Quitéria permanece plena concentrada em seu afazer. Quitéria ignora mais uma batida à sua porta.

O homem então chuta a porta, arrebentando o trinco e irrompendo com um jacaré morto de aproximadamente um metro de comprimento, jogando o cadáver sobre o piso de terra.

NIVALDO

Presente do seu Ramon pra você,
bruxa.

QUITÉRIA

Não repita isso!

NIVALDO

(irônico)

Bruxa? Não gosta de ser chamada de bruxa? E de escrava? Prefere assim, então?

Quitéria puxa um afiado facão de cima do fogão à lenha e encosta no pescoço de Nivaldo, o encurralando contra a parede.

QUITÉRIA

Temos um trato, cabra. Tenho minha crença, e vocês, homens brancos, têm a de vocês. Não admito desrespeito.

NIVALDO

(assustado)

Desculpa! Só estava curioso pra saber porque tu gosta de animais mortos. Tive muitos pensamentos.

Quitéria abaixa o facão e sorri para o capataz.

QUITÉRIA

A curiosidade matou o gato.
Agradecida pelo animal. Agora,
saia!

Nivaldo respira aliviado, mas não perde o tom de ironia no canto de seus lábios. Mostra deboche com seu sorriso. Ele então se vira para sair, quando observa o altar de velas.

NIVALDO

As velas vermelhas... Como? Bom, de qualquer modo, não deve ser boa coisa, assim como tudo o que você faz não é.

Nivaldo cospe no chão da casa antes de se retirar.

Quitéria encara o jacaré estirado no chão. Com o seu facão, a mulher corta os membros do réptil e começa a estripá-lo. Em outro take, ela está arrancando as escamas do animal e guardando seu sangue em um pote. Nela limpando alguns gotejos de sangue no seu rosto.

08. INT. FAZENDA GONZALES - CASARÃO - QUARTO PRINCIPAL - DIA.

Em frente a um enorme espelho, uma madame esfrega em sua pele uma esponja, limpando seu rosto de uma maquiagem rosada. Sua expressão é de alguém extremamente infeliz.

Ramon entra em seu quarto e encontra Adelaide sentada diante da cômoda com espelho, passando pó de arroz no rosto.

RAMON

O corredor dessa casa só cheira à carniça. Olivia deve ter feito suas necessidades pelo quarto... outra vez! Até quando vamos carregar esse fardo de ter uma filha de pensamentos inválidos?

Aparentemente cansada, Adelaide levanta e encara o marido.

ADELAIDE

Tanto sangue derramado por essas terras, Ramon... Olivia é o peso que temos que carregar por todo mal que a nossa família já fez nesse lugar. Nós todos temos sangue em nossas mãos.

Ramon se aproxima da esposa e acerta um tapa no seu rosto.

RAMON

Não culpe a tradição, a criação, os costumes, pois você faz parte dessa família e usufrui de toda riqueza e privilégio que em anos construímos com a criação de gado e plantio. Olivia é uma maldição lançada desse povo ingrato, que me custa acreditar, ainda habitam nossas terras.

ADELAIDE

Pedi para que nunca mais tocasse em mim dessa forma!

RAMON

Você é minha mulher, tem que me respeitar. Vá já limpar o quarto de Olivia! Noutros tempos, Quitéria estava a dispor, agora possui horário de trabalho. Onde já se viu? Nós somos os patrões, pagamos os salários desses seres que deveriam nos servir sempre.

ADELAIDE

A escravidão já acabou, Ramon. Vou pedir para Betina limpar o quarto da irmã, pois irei à cidade.

RAMON

O que fará na cidade? Acabou de chegar da sua irmã.

ADELAIDE

Vou à igreja. Ficar nessa casa me faz mal. Tenho pensamentos demais. Preciso ir me confessar.

Adelaide passa mais um pouco de pó de arroz, escondendo a marca vermelha na sua bochecha direita, e deixa o quarto enquanto o marido remove seu cinto e seu chapéu e se deita na cama.

No corredor, Adelaide caminha e vê, pela brecha da porta entreaberta do quarto de Olivia, sua filha falar sozinha, em um canto da parede, enquanto há fezes espalhadas pelo piso.

Adelaide sofre, cobrindo a visão antes de se retirar. Derruba uma lágrima e continua a andar, tentando segurar o pranto.

09. EXT. MATA - RIACHO - DIA.

Por uma estrada de terra, Nino anda ao lado do cavalo alazão de Ramon. Os dois se aproximam de um riacho, enquanto o garoto observa aflito o ambiente ao redor.

O cavalo se aproxima da beira do riacho e começa a beber a água. Nino acaricia sua cabeça e crina.

NINO

(sorrindo)

É, meu amigo, se fosse ter algum jacaré por aqui, você com certeza já teria nos avisado.

Nino respira tranquilamente e se senta em uma pedra. Uma linda flor amarela chama sua atenção. Nino se acomoda no chão, próximo à flor, e a observa.

NINO

Uma linda flor que minha mãe
Quitéria vai amar.

Quando pensa em apanhá-la, ele para e sorri.

NINO

É linda demais para ser arrancada
da terra. Minha mãe já falou que
não devemos arrancar uma flor do
chão se achamos ela bonita.

Nino respira fundo e volta a apresentar uma expressão triste. Ele olha para o céu, analisando o azul e as nuvens brancas passeando ao sabor do vento.

NINO

Quando serei livre de verdade?
Algum dia, será?

De repente um jacaré pula rapidamente da água e abocaña o pescoço do alazão, que começa a se debater, dando vários saltos desesperados enquanto emite fortes relinchos. Nino se assusta, recua. O cavalo e o jacaré brigam. O alazão vence o réptil pelo cansaço, após se debater bastante, então sai correndo em disparada.

Nino leva a mão à cabeça e começa a correr atrás do cavalo, que segue em disparada no meio das árvores. Nino corre o máximo que consegue, no entanto o alazão some no meio da vegetação, saindo do campo de visão. Nino continua correndo sem parar.

Cansado de tanto correr, com seus tornozelos feridos pelos galhos e matos, Nino se ajoelha no chão e começa a chorar, se dando conta que perdeu o cavalo preferido do seu patrão. Ele cobre os olhos com as mãos. No seu desespero.

10. INT. FAZENDA GONZALES - CASARÃO - QUARTO DE BETINA - DIA.

A filha mais velha da família Gonzales, Betina, acaba de sair do banho. Está enrolada em uma toalha enquanto caminha até seu guarda-roupas, onde analisa as opções de roupa.

Ezequiel, irmão de Betina, espia através do buraco da fechadura a irmã tirar a toalha e ficar nua no seu quarto. O jovem olha para os dois lados do corredor da casa e entra no quarto, fechando a porta rapidamente.

BETINA

(sobressaltada)

Ezequiel?! O que está fazendo no meu quarto?

(cobre o corpo com a toalha)

Saia daqui antes que alguém nos pegue em flagrante!

EZEQUIEL

Só assim pra ficar a sós com você. Só tenho te visto no almoço e no jantar, não tem mais ido ao paiol/

BETINA

Estou nos dias de mulher, sabe que nós evitamos quando estamos assim.

Ezequiel agarra a cintura de Betina e começa a cheirar seu pescoço, colando seu corpo ao dela.

EZEQUIEL

Está tão cheirosa...

Ezequiel tenta puxar a toalha, Betina segura com firmeza. Ela empurra Ezequiel, o repelindo.

BETINA

Prometemos que não vamos fazer isso aqui dentro. Mamãe quase nos pegou da última vez, lembra? Isso tem que parar, Ezequiel. Sabíamos que uma hora teríamos que acabar com tudo isso, então que seja agora, de uma vez.

EZEQUIEL

A gente se ama, e não é como irmãos.

BETINA

O nome disso é incesto. Ainda vamos parar no inferno por conta disso.

EZEQUIEL

E a gente pode se deitar um com o outro lá? Porque se a resposta for sim, então eu quero ir pro inferno com você.

Betina sorri e acaba se rendendo, entregando-se aos braços de Ezequiel, onde os dois começam a se beijar de forma bem tórrida.

Ezequiel empurra Betina na cama, ela cai deitada aos risos. Ezequiel corre até a porta, vira a chave na fechadura, logo retornando para Betina. Ele, por cima, beija a boca dela enquanto começa a tirar sua toalha do corpo. No amasso.

11. EXT. IGREJA - FACHADA - DIA.

Adelaide sobe alguns degraus e abre a grande porta da igreja, entrando no local.

Dentro do salão paroquial, Adelaide faz o sinal da cruz em si própria e anda com pressa até o altar. Ajoelha-se para orar quando o padre Delcídio aparece e olha para ela.

DELCÍDIO

Veio para se confessar?

Adelaide se levanta para andar ao encontro do padre.

Dentro da cabine de confissão, o padre permanece em silêncio. Do lado de fora da cabine, Adelaide está ajoelhada, aos prantos, limpando o rosto com um lenço.

DELCÍDIO

O que lhe traz aqui mais uma vez,
filha? Confessastes teus pecados
recentemente...

ADELAIDE

(aos prantos)
Penso em tirar minha vida, padre.

DELCÍDIO

Vinde a mim, todos os que estais
cansados e oprimidos, e eu vos
aliviarei. Tomai sobre vós o meu
jugo, e aprendei de mim, que sou
manso e humilde de coração; e
achareis descanso para as vossas
almas. Mateus 11:28, 29.

ADELAIDE

Frases bíblicas não me consolam.
Minha família está destruída! O
diabo só pode estar tomando conta
daquela fazenda.

DELCÍDIO

Deus não nos dá um peso que não
possamos carregar. Seu marido e
seus filhos são sagrados, são
presentes do casamento.

ADELAIDE

Eles não são sagrados, padre. Meu
marido é um homem cruel, já
torturou e matou muitos escravos,
e hoje ainda mantém dois deles em
nossas propriedades. Mãe e filho.
Eu temo pelo dia em que ela nos
fará algum mal e se vingue por
todo seu povo que derramou sangue
naquele lugar. Ela é uma bruxa.

DELCÍDIO

A bruxa tem que ser queimada, ela é a culpada por tudo de ruim que acontece na sua família. Aquela magia que ela chama de religião atrai coisa ruim.

ADELAIDE

Queria acreditar que isso fosse verdade, mas não é. Minha família é amaldiçoada. Não por ela, por Deus. Além do meu marido ser uma pessoa perfida, meus filhos não pertencem ao reino dos céus.

(chora)

Meus dois filhos mais velhos se deitam um com o outro, eu finjo não saber disso.

O padre se benze, assustado.

ADELAIDE

É tanta lascívia... Meu Deus, que doença é essa? O que fiz eu para merecer tamanha provação? E minha filha caçula está com a cabeça muito doente. Ela fala sozinha, defeca por toda parte, não tem controle de seus atos.

DELCÍDIO

Me parece que as coisas realmente vão de mal a pior. Filha, reze seis Pai Nosso e seis Ave Maria!

ADELAIDE

Então, é só o que o senhor tem a me dizer? Eu oro todos os dias e noite, nada acontece. Eu me sinto presa, sozinha, mal amada. Orar não vai adiantar nada. Não **está** adiantando nada.

Adelaide baixa a cabeça, resiliente. O padre se levanta para sair da cabine, ficando em pé na frente da madame, onde enxuga suas lágrimas com as mãos.

DELCÍDIO

Ninguém explica as vontades de Deus. Ele sabe o que está fazendo. Ele sabe o que tem reservado para ti, filha.

Adelaide respira fundo e encara o padre. Delcídio lhe lança um olhar comiseração com um breve sorriso de piedade.

ADELAIDE

Minha presença não lhe traz nenhum desejo, padre?

DELCÍDIO

(envergonhado)
Do que está falando?

Adelaide coloca a sua mão sobre o volume do padre, que recua. Adelaide se levanta.

DELCÍDIO

Que isso, minha filha?

ADELAIDE

Sabe, padre, há muito tempo não me sinto desejada... e como as coisas estão indo de mal a pior, não temo mais nada. O senhor foi o único que me ouviu nos últimos tempos, tenho vindo aqui só para te ver.

DELCÍDIO

(tentado)
Não posso, filha/

ADELAIDE

Por favor, padre. Não me resista, eu imploro. Sou uma pobre mulher.

O padre sorri e acaricia o rosto de Adelaide, dando um rápido selinho no canto dos lábios.

ADELAIDE

(sussurrando)
Eu te quero dentro de mim.

Delcídio leva Adelaide para dentro do confessionário. Adelaide se abaixa diante do padre, que começa a levantar sua batina.

12. EXT. MATA - DIA.

Nino corre desesperadamente tentando encontrar o cavalo de seu patrão, sem sucesso. O garoto para de correr, ofegando bastante. Exausto, apoia as palmas das mãos nos joelhos, recuperando o fôlego.

Um enorme arbusto tampa seu caminho, então ele mexe entre os ramos e galhos para atravessar. A carcaça de uma ave cai sobre o garoto. No susto, Nino grita, recua e cai sentado sobre o piso.

NINO

Eu nunca vou encontrá-lo. Vou
terminar assim.

Nino levanta e se recompõe.

NINO

Preciso fazer o que é certo, ser
honesto, assumir e sofrer as
consequências. Seja o que Deus
quiser...

Nino se vira e começa a andar de volta à fazenda, agora sem pressa.

13. INT. FAZENDA GONZALES - CASEBRE - DIA.

Quitéria prepara um ensopado com carne de jacaré. Coloca alguns temperos dentro do caldeirão e mexe com uma colher de pau, depois experimenta. De repente, a mulher sente um arrepião com um pressentimento ruim. Ela derruba a colher, que atinge o piso.

Nino abre a porta e adentra o casebre, indo diretamente abraçar sua mãe. Ele recupera a colher de pau caída no chão, a entregando para Quitéria.

QUITÉRIA

O que houve? Que cara é essa?

NINO

Serei castigado, mãe.

QUITÉRIA

Do que está falando, menino?

(segura ele pelo braço)

Não podem mais nos castigar.

NINO

Eu perdi o cavalo do patrão, o alazão preferido dele. Eu avisei que poderia ter jacaré no riacho, mas o senhor Ramon não me ouviu e me mandou ir até lá mesmo assim. O cavalo se assustou com um. O jacaré o atacou, aí o cavalo saiu correndo, não deu pra recuperar.

Quitéria arregala os olhos e se afasta do filho.

QUITÉRIA

Você precisa fugir daqui. Nós dois precisamos. Esse lugar já deu o que tinha que dar. Hoje mais cedo, um dos capangas do Ramon entrou aqui em casa e me desrespeitou, o desgraçado. Nenhum deles respeita mais o acordo de paz, eles estão fartos da gente. Vivem espalhando por aí que sou uma bruxa, que faço magia e sou amiga do coisa-ruim.

NINO

Eu não vou fugir, mãe. Você me ensinou a ser honesto, então eu vou ser sincero e me entregar, sofrer as consequências do que fiz. O patrão perdeu um cavalo, com certeza deve ter sido muito caro. Eu preciso pagar pelo meu erro.

QUITÉRIA

Eu te ensinei a ser forte e fazer o que tem que fazer, e o que você tem que fazer agora é ir embora para longe. Nós não somos pessoas ruins, filho. Tudo o que eu faço, as coisas que eu mexo são para nossa proteção, justiça, não faço mal a ninguém de graça. E outra, a culpa é do patrão que insistiu mesmo quando foi alertado de ter jacarés para aqueles lados. Se fizerem alguma coisa ruim com você, não sei o que sou capaz de fazer. Será ruim para os dois lados.

Nino baixa a cabeça. Quitéria caminha até o pequeno altar dos seus orixás e pega uma caixa de fósforos. Acende um palito para acender uma vela já usada.

Quitéria corre até sua cama e tira uma mala guardada sob a estrutura enferrujada. Quando se vira, Nino não está mais ali. Nela olhando ao redor em busca de encontrá-lo.

14. EXT. FAZENDA GONZALES - TERREIRO - ANOITECER.

Ramon conversa com Nivaldo e outros funcionários, que seguram carne de jacaré já limpa e pronta para o consumo.

RAMON

Já conseguiram limpar todos?

NIVALDO

Não, alguns ficaram pra trás. São muitos, patrão. Fizemos um ótimo trabalho de caça.

RAMON

Logo vai escurecer, portanto, depois do jantar, coloque todos os animais que ainda faltam no sal, mesmo com as entranhas. Amanhã a gente vê como faz.

NIVALDO

Sim, senhor. Os homens estão cansados, vamos nos banhar e jantar. À noite, colocamos tudo na conserva, assim como o senhor ordenou, e outro dia terminamos o serviço.

Nivaldo se retira dali.

Ramon olha ao redor, parece procurar por algo. Enxerga Nino se aproximando devagar, cabisbaixo.

RAMON

Demorou, garoto. Cadê meu cavalo?

NINO

Senhor, preciso te contar/

Quitéria, aos gritos, aparece no terreiro da fazenda, interrompendo Nino.

QUITÉRIA

(gritando)

Nino, pare!

NINO

(ligeiro)

Eu perdi o cavalo. Por favor, me perdoe.

RAMON

(alterado)

Você o quê? Repete, desgraçado!

Quitéria respira fundo e encara fixamente seu patrão.

QUITÉRIA

Senhor, se acalme. Peço aos meus orixás para trazer o cavalo de volta, eu consigo fazer isso.

RAMON

(furioso)

Cala a sua boca, bruxa maldita! Você tem alguma noção do que o diabo do seu filho fez?

QUITÉRIA

Seu cavalo vai voltar, eu juro.

RAMON

E se não voltar, hein?

QUITÉRIA

Eu garanto, patrão. Eu lhe dou a minha palavra.

RAMON

Sua palavra não vale de nada pra mim, sua bruxa do demônio. Nossa pacto morre hoje.

QUITÉRIA

Não faça nada com meu filho, eu imploro. Nino é só uma criança...

RAMON

(gritando)
Uma criança imbecil! Um estúpido!
Um estafermo que perdeu o meu cavalo alazão!

Ramon tira seu chapéu e joga no chão com força, demonstra estar com muita raiva.

RAMON

Não quero nada, **nada** fruto da sua feitiçaria. Junte suas coisas e saia daqui, sem mais uma palavra, ou vai acabar morta como o seu filho.

Ramon retira uma pistola da cintura e aponta para Quitéria. Trocam olhares. TENSÃO. Quitéria levanta as mãos à cabeça. Rendida, dá alguns passos para trás, depois se vira e sai apressada. Ramon mira na cabeça dela, parece ansioso para apertar o gatilho. Quitéria vai embora.

Nino continua de cabeça baixa diante de Ramon, que ergue o cano da arma para o alto e dá um tiro, atraindo todos seus capangas. Homens surgem de todos os lugares da fazenda, se reunindo em torno do terreiro.

Enquanto vê os capangas se aglomerarem no terreiro em volta de seu filho, Quitéria entra em seu casebre, onde fecha a porta e olha tudo por uma brecha da janela. Lágrimas rolam pelas suas bochechas, umedecendo o seu rosto.

No terreiro, Ramon empurra Nino, derrubando o menino no chão. Nivaldo transita entre alguns homens, chegando perto do patrão.

NIVALDO

O que houve, patrão?

RAMON

Ele perdeu meu melhor cavalo,
Nivaldo. Esse moleque vai ser
castigado como nos velhos tempos.

Ramon sorri, demonstra prazer na decisão.

RAMON

Levem o moleque pro tronco. Eu
mesmo vou dar as chibatadas.

(dá risada)

Hoje é dia de renovar as
tradições.

SUSPENSE. Os homens de Ramon começam a arrastar Nino pelo terreiro, que não reage e se deixa ser levado. Um dos capangas traz um tronco grande e grosso, de aproximadamente 2 metros de altura.

Nino é jogado no tronco no meio do terreiro, onde tem suas mãos e pernas amarradas com uma corda. O homem aperta o nó tão forte que Nino grita de dor.

RAMON

Já tá choramingando, moleque?

Ainda nem começamos...

(dá risada)

Você me disse uma vez que era
homem. Tem certeza disso? Na
minha terra, homem chorão feito
você recebe outro nome.

Nivaldo chega perto do patrão.

RAMON

Chame meus filhos para verem
isso.

NIVALDO

Olivia também?

RAMON

Sim, traga.

Nivaldo segue para dentro da casa grande da fazenda. Ramon olha para o rosto de Nino e o encara com ódio enquanto o garoto chora. O fazendeiro não demonstra qualquer piedade.

De longe, Ramon enxerga a porteira da fazenda sendo aberta por um dos seus homens, liberando a passagem para uma carroça que traz Adelaide. Ramon e Adelaide se olham de longe.

15. INT. FAZENDA GONZALES - CASARÃO - QUARTO DE OLIVIA - NOITE.

O quarto de Olivia está repleto de sujeira, dejetos por todas as paredes e chão. A garota pega um pedaço de carvão e começa a escrever coisas sem sentido em uma das paredes, até que o carvão quebra e ela começa a socar e chutar forte a parede até machucar uma das mãos.

Betina e Ezequiel entram correndo por conta do barulho.

EZEQUIEL

O que pensa que está fazendo,
Olivia?

(tampa o nariz)

Nossa, esse quarto está fedendo
muito, que horror!

BETINA

Meu Deus! O que você fez aqui?

OLIVIA

Saiam os dois daqui! Os lobos
estão atrás de vocês, vão acabar
me encontrando também. Saiam! Não
quero vocês no meu quarto.

BETINA

O que você tá dizendo?!

EZEQUIEL

Isso é coisa da cabeça dela, deve ser alguma daquelas alucinações.

(ergue a camisa até o nariz)

Meu Deus, Olivia, onde mamãe e papai estão que ainda não fizeram algo por você?

BETINA

Vem comigo, irmã, vou te dar um banho/

OLIVIA

Não toca em mim, você está contaminada!

(berrando)

Não me toca! Não me toca!

Betina e Ezequiel encaram a irmã, horrorizados. Os dois mantêm seus narizes tampados pelo forte odor do cômodo.

Nivaldo bate à porta e entra, sendo impressionado pelo cheiro.

NIVALDO

Que cheiro horrível nesse quarto.

BETINA

Não pode ir entrando assim no quarto dos outros. O que você quer?

NIVALDO

(tampa o nariz)

O pai de vocês mandou chamar os três no terreiro. Agora.

Betina e Ezequiel se entreolham e espionam pela janela, observam a movimentação que acontece lá fora.

EZEQUIEL

O que está acontecendo?

Nivaldo leva os três irmãos embora.

16. EXT. FAZENDA GONZALES - TERREIRO - NOITE.

Nivaldo traz um chicote. Ramon o prepara estalando no chão enquanto seus três filhos aparecem para assistir o que está acontecendo. Adelaide, incrédula, chega aos nervos.

ADELAIDE

Solta isso agora, Ramon!

RAMON

Deu pra me dar ordens? Eu ainda sou o homem dessa casa, escutou? Eu quem uso calças nessa família! Isso aqui é o que acontece com quem não anda nos trilhos nas minhas terras.

ADELAIDE

Há vinte e sete anos, concordamos em manter um casal de escravos em nossa residência, mesmo com o fim da escravidão. Alimentamos eles em troca de serviços, respeitamos suas crenças e costumes, demos moradia. Esse pobre garoto acabou nascendo, o pai morreu cedo, e a gente sabe que ele faz trabalhos além do que é permitido por lei pra uma criança. Agora você quer castigá-lo?

RAMON

Não precisa me relembrar toda essa história. Eu sei muito bem o que nós combinamos, mas acontece que ele perdeu meu melhor alazão, e isso não pode ficar barato.

ADELAIDE

Isso não vai acontecer aqui. E o acordo com Quitéria? Ela vai lançar uma maldição na gente. Já não basta tudo que ocorre sob o nosso teto, Ramon?

Ramon faz sinal para Nivaldo, que segura Adelaide pelo braço. Depois, olha para os seus filhos, que aparecem assustados com a situação.

RAMON

Assim é que resolvíamos as coisas nos velhos tempos. Vocês vão ver ao vivo, é muito melhor do que ler nos livros da escola.

Nino derruba lágrimas. Ramon levanta o chicote e acerta suas costas por seis vezes seguidas, cada uma fazendo o menino soltar um berro de dor. Gotas de sangue caem pela terra. Na sétima chibatada, gotejos de sangue respingam no rosto de Ramon.

CAM foca na janela do casebre, de onde Quitéria observa seu filho ser castigado. Ela aparentemente entra em transe, fazendo uma oração em outro idioma, com os olhos bem fechados e as duas mãos unidas.

Betina e Ezequiel passam a demonstrar frieza e indiferença enquanto Olivia vira o rosto para não ver. Adelaide chora.

ADELAIDE

Está satisfeito agora, seu animal? Ele está sangrando.

RAMON

(sorri)
Ainda é pouco.

Ramon chicoteia o garoto mais quatro vezes. Nino desmaiou.

ADELAIDE

Já chega! Ele desmaiou. Basta!

RAMON

Levem ele para o formigueiro.

Adelaide começa a gritar. Ela se debate, Nivaldo a segura.

ADELAIDE

Você está louco. Ele vai morrer.

RAMON

Que assim seja.

Um homem desamarra Nino e arrasta o garoto pela terra até um formigueiro onde os insetos aparecem alvorocados. As formigas começam a subir no corpo de Nino, passeiam pelas suas feridas e entram no seu corpo pelos enormes machucados sangrentos nas suas costas.

Adelaide se joga no chão, se ajoelhando no meio do terreiro. Chora inconsolavelmente, horrorizada, sob o luar. Betina e Ezequiel entram com Olivia dentro da casa.

RAMON

Voltem aos seus afazeres, amanhã todos estarão de folga.

NIVALDO

Que beleza, patrão!

Os peões comemoram e se retiram, apenas Ramon e Adelaide permanecem. O fazendeiro chega perto da esposa, se abaixa perto dela e pega sua pistola. Aponta no pescoço dela.

RAMON

Volte para a casa, tome um banho e coloque uma vestimenta para o jantar. Nada aconteceu aqui e nada de tirar o garoto do formigueiro. Hoje é dia de comemoração, entendeu?

Adelaide meneia a cabeça positivamente, se esforçando para estancar o próprio pranto.

RAMON

Vá, depressa!

Adelaide se levanta, encara o marido com nojo e ojeriza, então caminha em direção ao casarão.

Ramon se ergue e observa o corpo de Nino estirado sobre o formigueiro. Formigas tomam conta do seu corpo esquálido. Em seu peito, observamos sua respiração, até que ela para. Ouve-se barulho de vários corvos voando e gritando.

Close no rosto de Nino com os olhos entreabertos. A esclera perde o branco, ficando vermelhos por conta do sangue. Logo seus olhos estão totalmente avermelhados, quase esborrando.

17. INT. FAZENDA GONZALES - CASARÃO - SALA - NOITE.

Alguém toca suavemente um piano, é um dos peões mais jovens da fazenda. A mesa de jantar está montada com um jacaré assado no centro, no meio de todas as outras comidas.

Ramon se senta à cabeceira da mesa, enquanto Adelaide põe os pratos sobre o tampo. Betina, Ezequiel e Olivia chegam e sentam à mesa. Betina guia sua irmã.

BETINA

Que bicho é esse aí? Parece um lagarto.

RAMON

É jacaré. Meus homens trouxeram vários ontem da floresta. Mandei caçar todos que rodeavam a minha fazenda.

OLIVIA

Já esqueceu, Betina? Comemos uma vez no verão, ano passado, quando houve aquela grande caçada.

EZEQUIEL

Você se lembra desse dia?!

Todos ficam espantados. Betina bate de leve no ombro da irmã com ironia.

BETINA

É, você tem seus momentos...

Adelaide começa a servir a comida em um prato, sua expressão é de profunda tristeza. Ela faz força para não chorar. Adelaide entrega o prato a Ramon, depois passa a servir outro.

EZEQUIEL

O que anda acontecendo com você, mãe? Só sabe chorar. Por que tá servindo o jantar? Onde anda a Quitéria?

BETINA

Provavelmente de luto, né? Ou será que a macumbeira não tem luto? Acho que o mínimo que a gente pode fazer é respeitar uma mãe que acabara de perder seu filho/

Ramon dá um soco na mesa, todos ficam em silêncio. Adelaide termina de servir o jantar e se senta à mesa.

RAMON

Eu expulsei Quitéria. Não faz sentido ela continuar a trabalhar aqui depois do que fiz com aquele garoto. Ela poderia, a qualquer momento, envenenar nossa comida. A bruxa deve estar acendendo vela e arrumando as suas trouxas. Como demorei a fazer isso...

ADELAIDE

Você vai arder no inferno, Ramon!

Ramon acerta um tapa no rosto da esposa. Todos baixam a cabeça e começam a comer, ignorando. Em Adelaide séria.

18. EXT. FAZENDA GONZALES - TERREIRO - NOITE.

No meio do terreiro, próximo ao corpo do filho, Quitéria começa a fazer um pentagrama na terra com pólvora dentro. No meio há algumas velas e pequenos animais mortos, entre eles, algumas cubas com dentes, sangue e escamas de jacaré.

Quitéria coloca algumas velas apagadas ao redor do símbolo e observa. Tempo. Depois, ela busca uma cabra e traz junto de uma corda, botando na frente do pentagrama. Quitéria então apalpa o pescoço do animal.

QUITÉRIA

Eu sinto o sangue quente correr em suas veias, do mesmo jeito que senti o sangue quente dele cair sobre a terra.

Quitéria começa a chorar, mas se recompõe.

QUITÉRIA
(em oração)
Eu sirvo a ti. Sirva a mim.

A feiticeira retira um grande punhal da cintura e degola a cabra, fazendo jorrar jatos de sangue por todas as velas. Em vez de apagar, o sangue faz florescer ainda mais o fogo, hasteando labaredas e intensificando as chamas. Os olhos de Quitéria brilham ao ver o fogo acender.

Quitéria então cai de joelhos. De braços abertos, começa a falar em um idioma desconhecida, com uma voz rouca, até que as velas apagadas se acendam sem estímulo e a pólvora do pentagrama se queime, levantando enormes labaredas de fogo.

Ouve-se o som dos grilos cantando em um local próximo dali, que está escuro. Uma mão sai rapidamente da terra. CAM revela alguém aparentemente se desenterrando aos gemidos. Quitéria reza mais forte, alteando o tom de voz.

Logo vários mortos começam a voltar à vida, saindo sozinhos de vários pontos da terra que cobre o piso daquela fazenda. Carcaças de jacarés e cadáveres deles pendurados no varal também ganham vida.

Os animais começam a atacar os mortos-vivos. Pernas são arrancadas, braços são decepados. Alguns escravos são facilmente devorados pelos jacarés. Poças de sangue se formam, encharcando parte do terreno da fazenda.

CAM foca no rosto de Nino, onde seus olhos rapidamente se abrem e suas feridas se curam, sumindo. Nino se levanta repentinamente e divaga até sua mãe com uma expressão vazia, os olhos brancos, sem pupilas.

Os escravos se defendem dos ataques de jacaré com o que encontram pela frente. Alguns invadem o celeiro e pegam ferramentas como martelo, foice e outros. Parte dos escravos rumo ao casarão principal da fazenda.

Os olhos de Quitéria estão brancos, mas logo voltam à realidade. Nela soridente.

19. INT. FAZENDA GONZALES - CASARÃO - SALA - NOITE.

Todos os membros da família Gonzales se deliciam com o banquete, menos Adelaide. Série, mal toca na comida.

Por baixo da mesa, Ezequiel esfrega sua perna em Betina, que sorri e disfarça. Olivia está em seu momento de lucidez e observa aquilo acontecendo.

OLIVIA

Hoje muitas coisas aconteceram, então talvez seja a hora de colocar tudo em pratos limpos. Todas as coisas, para melhor dizer.

RAMON

Poucas são as vezes que eu te ouço falar. Quer me contar alguma coisa, filha?

OLIVIA

Sim. Betina e Ezequiel transam no paiol.

IMPACTO. Reação de Ramon.

OLIVIA

Já vi eles lá. Mamãe também viu e finge que nada acontece. Os dois têm um romance.

Betina levanta rapidamente, alterada.

BETINA

Cale essa sua boca! (T) Essa garota é completamente maluca, comeu fezes o dia todo, terminou de estragar o quarto dela de tanta pintura em carvão. Não vai acreditar nisso, vai, pai?

ADELAIDE

(exausta)

É verdade. Betina e Ezequiel têm um caso.

RAMON

E você não fez nada, desgraçada?

EZEQUIEL

Isso não é verdade, só temos um jeito carinhoso de irmãos um com o outro. Nada de mais.

RAMON

Calem a boca todos vocês!

Ramon pega seu revólver na cintura.

RAMON

Essa família toda está perdida.

ADELAIDE

A começar por você, Ramon. Porque não atira em todos nós aqui e acaba logo de vez com toda essa sujeira chamada família Gonzales?

O pianista para de tocar o piano e sai correndo, batendo a porta. Ouve-se uma movimentação estranha do lado de fora da casa, interrompendo o jantar.

BETINA

O que tá acontecendo lá fora?

Ramon levanta e segue até uma janela, onde vê uma colônia de escravos armados com objetos cortantes e tochas, todos liderados por Quitéria, que está diante dos zumbis.

ADELAIDE

O acordo foi quebrado, ela está se vingando. Eles estão voltando. Eu espero que todos nós/

RAMON

(alterado)

Cala a boca, Adelaide! Para de lamentar e faz alguma coisa que preste. Sobe lá pra cima e se tranca com Olivia!

(aponta para Betina e Ezequiel)
Vocês dois ficam aqui embaixo!

Adelaide puxa Olivia pelo braço e sai correndo para a escada, onde sobem. Betina e Ezequiel se entreolham assustados. Ramon destrava seu revólver.

RAMON

Fiquem os dois aqui, não saiam!

Ramon chega até a porta, onde abre uma brecha e aponta o revólver.

20. INT. FAZENDA GONZALES - ESTÁBULO - NOITE.

Nivaldo tranquilamente dá de comer a um cavalo. O animal se aproxima para iniciar sua refeição. Quando fecha a porta da cocheira, Nivaldo depara com Nino. Assustado, recua.

NIVALDO

(pasmo)

Você?! Mas como... De onde você surgiu, moleque? Você não tinha virado janta de formiga?

NINO

(voz grave e rouca)

Parece que você gosta muito do seu patrão, né? Ele deu folga a todo mundo e mesmo assim você veio trabalhar.

NIVALDO

Como você ressurgiu desse jeito?
Me explica, quero saber.

Nivaldo se aproxima. De repente, Nino tira uma faca das costas e agilmente atinge o abdômen do capataz. Nivaldo une as mãos no pescoço de Nino para estrangulá-lo, mas o garoto o empurra, o fazendo cair no chão.

Nino assiste Nivaldo agonizar lentamente, sem expressão ou demonstração de qualquer sentimento. Nivaldo se contorce e convulsiona, se esvaindo em sangue enquanto gême de agonia. Nino continua assistindo com um semblante inexpressivo.

21. INT. FAZENDA GONZALES - CASARÃO - QUARTO PRINCIPAL - NOITE.

Adelaide entra no seu quarto com a filha e tranca a porta. As duas sentam juntas no chão do cômodo, enquanto o local é iluminado através da claridade vinda das tochas lá fora.

OLIVIA

Preciso ir lá fora. Talvez, se eu cantasse pra eles irem embora/

ADELAIDE

Fica aqui, filha.

Adelaide beija a testa de Olivia, que se esquiva da mãe e se levanta. Olivia corre até um espelho, onde encara seu reflexo e vê uma linda mulher sensual com olhar provocante.

ADELAIDE

Vem aqui! O que você está fazendo?

Apenas Olivia consegue enxergar a moça, e a encara. A imagem se transforma em um vulto, sai do espelho e entra pela boca de Olivia. A jovem cai no chão se debatendo. Adelaide corre até a filha.

ADELAIDE

(desesperada)
Filha! Filha, fala comigo!

Adelaide tenta segurar a filha que está se batendo, até que Olivia fica paralisada e fecha os olhos.

ADELAIDE

Por favor, Olivia, fala comigo!
Você está bem? O que tá acontecendo, meu Deus?

A garota abre os olhos, mas sua pupila está dilatada e seus olhos agora são avermelhados. Sua expressão é totalmente diferente. Olivia levanta e observa sua mãe no chão.

OLIVIA

(possuída)
Levanta daí, se recompõe. Hoje a noite vai ser uma festa.

ADELAIDE
(balbucia)
Olivia...

OLIVIA
Eu não sou a Olivia.

Olivia sorri e segue até o espelho. Abre a gaveta da penteadeira da mãe e pega um batom vermelho, que passa nos lábios. Em seguida, Olivia rasga sua blusa, criando um enorme decote, e retira a parte debaixo da roupa, ficando apenas de calçola.

Olivia sorri e encara Adelaide. Na mãe horrorizada.

22. EXT. FAZENDA GONZALES - TERREIRO - NOITE.

Ramon aponta o revólver pela brecha da porta da frente. Quitéria se aproxima com Nino. Ramon se surpreende ao ver o menino vivo, sem ferimentos ou cicatrizes, incólume.

QUITÉRIA
Eu acho que o senhor não deveria ter duvidado dos meus poderes, seu Ramon.

RAMON
Você é uma bruxa do demônio!
Trouxe toda essa cambada de degenerados de volta? O inferno anda sobre a terra agora? Que loucura é essa?

QUITÉRIA
Você não é o mocinho. Quero vingança. Somente o sangue podre de vocês, quando for derramado, vai definitivamente trazer todo o encanto do meu filho de volta. Ele voltou, mas ainda falta vida nele. Foi esse o combinado que eu fiz.

Nino se aproxima de Ramon na porta.

NINO

Seu cavalo está ansioso pra te
reencontrar no inferno. Lá é
quente, senhor.

(sorri)

Não tem nenhum riacho, mas tem
jacarés. O senhor gosta deles,
não gosta? Eu também, passei a
gostar.

Ramon fecha a porta rapidamente, completamente assustado.

RAMON

(gritando)

Vão embora daqui! Eu prometo que
vou recompensar vocês dois.

QUITÉRIA

(V.O.)

Não tem acordo com a morte, os
espíritos imundos clamam por
vossas almas. Abra a porta e se
entregue, você e sua família.

Toda a colônia liderada por Quitéria começa a circundar o
imóvel. Numa visão do alto, o casarão está cercado.

23. INT. FAZENDA GONZALES - CASARÃO - SALA DE ESTAR - NOITE.

SUSPENSE. Ramon fecha e tranca todas as janelas. Depois,
arrasta uma poltrona como barricada na frente da porta.
Betina e Ezequiel só assistem, estáticos, assustados.

BETINA

Isso não está acontecendo...

Betina começa a chorar, é confortada por Ezequiel, que
afaga seus cabelos com bastante carinho. Ramon observa os
dois e aponta a pistola.

RAMON

Vocês dois, impuros, nojentos,
insanos! Vem, vocês vão lá fora.

EZEQUIEL

Você está ficando maluco, eles
vão nos matar.

RAMON

(gritando)
Andem! Saim os dois daqui.

BETINA

Por favor, pai, não faça isso! Eu
não quero morrer.

EZEQUIEL

Você vai ter coragem de entregar
seus próprios filhos de bandeja
pra essa horda de zumbis?

RAMON

Vocês não são meus filhos, são
aberrações. Onde já se viu se
deitarem um com o outro? Vocês
são irmãos... isso é nojento.
Vocês são dois monstros.

EZEQUIEL

Cê acha mesmo que tem moral pra
falar em monstruosidade, senhor
Ramon Gonzales?

Ramon se aproxima e acerta uma bofetada forte no rosto de Ezequiel, depois aponta a arma para os dois. Pressionados, os irmãos caminham até a porta.

BETINA

(chorando)
Pai, por favor/

RAMON

(gritando)
Aqui estão meus filhos, façam o
que for necessário com eles. Não
devo mais nada a você, Quitéria!

Ramon aponta para a porta com o revólver. Assustado, Ezequiel abre. Os dois irmãos passam por cima da barricada e saem. Ramon fecha a porta apressadamente e tranca.

Adelaide assiste a tudo das escadas. Desesperada, corre até Ramon e começa a agredi-lo com vários tapas.

ADELAIDE

O que você fez, Ramon? Você entregou nossos filhos?

Ramon contém a esposa segurando seus braços e a empurra contra uma poltrona. Adelaide corre até uma janela e observa Betina e Ezequiel sendo levados pelos escravos até duas altas estacas no terreiro.

Olivia aparece sensualmente no alto da escada, descendo os degraus e sorrindo para os pais como se quisesse seduzir.

OLIVIA

(possuída)

Já sentiram o perfume de carne humana queimada? É ótimo para abrir o apetite.

Ramon olha para a filha e percebe algo de errado acontecendo. Nele assustado.

24. EXT. FAZENDA GONZALES - TERREIRO - NOITE.

Betina e Ezequiel são amarrados nas estacas enquanto choram de desespero. A multidão que ressuscitou observa. O fogo das tochas ilumina o local.

Quitéria e Nino se aproximam. O menino traz um chicote.

NINO

Enquanto eu apanhava e sangrava,
a mente de vocês só pensava em
promiscuidade um com o outro. As
almas de vocês vão arder, mas,
primeiro, o corpo.

Nino começa a acertar chicotadas nas costas de Betina e Ezequiel, que gritam de dor. Os tecidos das roupas começam a rasgar. A pele dos irmãos é ferida, os machucados expelam bastante sangue. Betina começa a ficar fraca.

Um homem bem alto se aproxima com querosene e joga sobre eles, que gemem de dor por conta dos ferimentos.

EZEQUIEL

Tá ardendo! Tá ardendo muito!
Socorro!

BETINA

A gente não merece isso. Liberta
a gente, por favor!

QUITÉRIA

Vocês foram entregues pelo próprio pai. Terminar com essa corrente de sangue podre é um favor que eu faço, e vocês deveriam nos agradecer, pois agora o mundo há de ser um lugar menos pior sem a descendência maldita que vocês carregam.

EZEQUIEL

Por favor, Quitéria, nos solte!
Betina está grávida.

IMPACTO.

NINO

Grávida?!

QUITÉRIA

O filho no ventre dela não tem a benção nem a permissão divina para vir a este mundo. Eu vejo o futuro, e vejo o quanto esse filho será amaldiçoado, talvez pior que seus antecedentes. Vocês são irmãos, esqueceram? O que há de vir é uma criança doente, física e espiritualmente.

BETINA

Não tivemos nada a ver com o que o meu pai fez, nós somos boas pessoas. Não compactuamos com nada disso, Quitéria, eu juro.

QUITÉRIA

Eu trouxe muitas almas de volta
hoje, preciso pagar a dívida e
devolver ao outro lado o que
estou devendo. Que algum dia
vocês encontrem a paz e o
descanso.

Quitéria joga sua tocha aos pés de Betina e Ezequiel no tronco, e logo labaredas de fogo se alastram sobre eles. Os irmãos gritam em meio ao fogo. Os tecidos de suas roupas queimam, suas peles começam a arder. Betina e Ezequiel são consumidos totalmente pelas chamas enquanto berram.

De longe, é possível ver algumas pessoas assistindo ao fogaréu, que levanta uma cortina de fumaça negra.

25. INT. FAZENDA GONZALES - CASARÃO - SALA DE ESTAR - NOITE.

Adelaide bate desesperadamente na janela enquanto assiste Betina e Ezequiel sendo queimados vivos. Perturbada, chora e se joga no chão.

Olivia se aproxima de Ramon, paralisado encostado na parede próximo à porta. A moça abre um sorriso cínico no rosto.

OLIVIA

(possuída)

Um passarinho me contou que você
adora formigas. É verdade?

RAMON

(apavorado)

Afaste-se, Olivia... ou seja lá
quem estiver nesse corpo.

Ramon aponta a arma e dispara, mas nenhuma bala sai. Ele tenta mais vezes, obtendo o mesmo resultado. Olivia ri.

Do chão da sala começam a surgir montantes de formigas pretas e avermelhadas. O chão é infestado de insetos, que começam a subir em Ramon. Ele se debate para tirá-las. As formigas sobem por suas pernas, o picando por inteiro.

RAMON
(desesperado)
Socorro! Elas estão me matando.

Ramon sacode as pernas. Sem resultado, ele bate nos membros para derrubar os insetos, que começam a subir por seus braços e tronco. As formigas picam seu corpo e são tantas que rapidamente tomam conta de Ramon por inteiro, entrando sob a sua roupa.

Com formigas por todo o corpo, Ramon grita de dor. Corre pela casa até a porta, joga todo o peso contra ela para quebrá-la e cai do outro lado. Lá fora, Ramon corre até onde estão Nino, Quitéria e os escravos ressuscitados.

RAMON
(gritando)
Por favor, me mata! Acaba com
esse sofrimento, pelo amor de
Deus!

Nino pega seu facão afiado e finca no abdômen do patrão, que começa a cuspir sangue. Ramon cai no chão, sendo devorado pelas formigas. Ele grita de agonia. Uma poça de sangue se forma ao redor do seu corpo.

Sem piedade, Nino assiste à cena. Com o facão, ele faz um corte no rosto de Ramon, atravessando de uma orelha à outra. Depois, finca a arma branca no pescoço de Ramon, o degolando. O corpo tem espasmos por alguns segundos até ficar totalmente inerte.

Quitéria caminha até o casarão junto a Nino. Adelaide está no chão, em um canto, atordoada à toda situação. Possuída, Olivia começa a dar gargalhadas. Quitéria a encara.

QUITÉRIA
Já acabou a diversão. Sai daí!
Preciso do sangue da garota.

OLIVIA
Vou ficar nesse corpo. Foi você quem me trouxe para cá, lembra? Agora eu vou ficar nessa garota. Já tinha me esquecido como é bom habitar um corpo.

QUITÉRIA

Abrir o portal do mundo dos mortos trouxe você aqui, eu não lhe chamei. Admiro sua história, a forma como morreu executada há duzentos anos pela carnificina que fez contra os traficantes de escravos, no entanto aqui não é o seu lugar. Agradeço muito por me entregar o dono da fazenda, mas agora saia!

OLIVIA

Belo trabalho você fez aqui.

Olivia sorri e o espírito sai de seu corpo, fazendo a jovem cair desacordada no chão. Adelaide corre até sua filha.

ADELAIDE

(assustada)

Filha, acorda!

Adelaide sacode Olivia, que acorda devagar. Quitéria se aproxima. Tensa, Adelaide pega a primeira coisa que vê pela frente - um candeeiro na parede - e joga sobre o piso de madeira, iniciando um pequeno incêndio. Quitéria grita, bate na roupa para apagar as chamas.

ADELAIDE

(berrando)

Ninguém mexe na minha filha!

Ninguém!

Adelaide pega uma faca sobre a mesa de jantar para se defender. Depois, ajuda Olivia a levantar, as duas correm escada acima.

Quitéria consegue conter as chamas que devoravam seu vestido branco. Os escravos entram na casa e seguem em direção à escada, atrás de mãe e filha.

NINO

Eu preciso da alma da garota, mas deixem a madame viva!

Quitéria e Nino se retiram da casa, que está em chamas.

26. INT. FAZENDA GONZALES - CASARÃO - QUARTO PRINCIPAL - NOITE.

Em meio à fumaça que invade o cômodo, Adelaide e Olivia entram correndo novamente no quarto, onde seguem até uma janela.

ADELAIDE

Vamos pular por aqui e fugir,
correr até não parar mais.

OLIVIA

E para onde nós vamos?

ADELAIDE

Até a cidade, nos escondemos na
igreja.

Olivia começa a chorar.

OLIVIA

Sou um fardo pra ti, mãe. Eu sei.
Você se livrou de tudo que estava
te matando, meu pai, meus irmãos,
e eu também estou matando você...
Estive no mundo dos mortos quando
aquele alma dominou meu corpo. Lá
é calmo, é escuro, vazio, muito
silencioso... não há dor, não há
nada... É apenas um lugar onde eu
sinto ser normal, no meio da
ausência.

ADELAIDE

Para de falar besteira, Olivia,
eu amo você. Você é minha filha!

OLIVIA

Também te amo, minha mãe, mas
sinto que minha missão neste
plano já terminou. Estou farta de
ser um fardo pra você, não quero
mais atrapalhar. Você deve sair e
se salvar dessa loucura toda.
Minha hora já chegou. Preciso ir.

Olivia pega na mão de Adelaide com força.

OLIVIA

Viva e recomece! Confie em mim. É
o melhor, mamãe.

Adelaide e Olivia se abraçam com afeto. Olivia chora. De repente, ela empurra sua mãe janela afora. Adelaide tenta se segurar no parapeito, amortecendo a queda. Ela cai de pé, se ajoelhando sobre a grama. Adelaide se levanta, no entanto sente dores. Ela anda com dificuldade.

No quarto, Olivia se vira para a porta e mantém os olhos fixos na entrada. Um homem chuta a porta, irrompendo. Quitéria e Nino entram. Olivia recupera a faca adquirida por Adelaide, encara Quitéria nos olhos e corta a própria garganta diante de todos.

Jatos de sangue saem do pescoço de Olivia, que rapidamente perde os sentidos e cai ajoelhada, desmaiando em seguida. Uma enorme poça de sangue se forma ao seu redor, sujando suas roupas. Quitéria apenas franze as sobrancelhas.

27. EXT. FAZENDA GONZALES - TERREIRO - NOITE.

Adelaide tenta correr. Com os pés machucados, ela foge do casarão o mais rápido que consegue.

Alguns homens começam a se aproximar de Adelaide, que grita de pavor. A mulher tenta repeli-los. Um dos homens chega com uma tocha, incendiando uma ponta do vestido dela. Seu corpo começa a incendiar. Adelaide grita.

ADELAIDE

(gritando)

Saiam daqui! Me deixem em paz!

Adelaide se debate para apagar as chamas sobre si, seu corpo começa a mudar. Os escravos se assustam. Adelaide cai de quatro no chão. O fogo parece fazer seu corpo transmutar completamente.

Toda a sua pele adquire pelos, seu tamanho cresce e sua cabeça desaparece nas chamas. Logo, Adelaide está transformada na mula-sem-cabeça.

Os escravos se assustam. A mula avança em alguns deles. Um dos escravos é derrubado e seu peito estoura com uma pisada que recebe do ser místico, que corre pelo terreiro sem governo.

Descontrolada, a criatura se aproxima do casarão, os zumbis correm para não serem pisoteados ou incendiados. As chamas da mula-sem-cabeça encostam em partes de madeira da casa, que começa a ser consumida por fogo.

Numa visão distante, é possível ver a casa toda em chamas.

FADE OUT.

27. EXT. FAZENDA GONZALES - TERREIRO - DIA.

FADE IN: Adelaide está desmaiada sobre o terreiro. À sua volta estão os corpos de Betina e Ezequiel totalmente queimados, o corpo e a cabeça de Ramon empilhados junto ao corpo de Olivia. Toda a família está no chão, em fileira.

O casarão está todo queimado e destruído. Nino se aproxima de Adelaide com um balde e joga um pouco de água no rosto dela, que deserta sobressaltada. Ela se encontra pelada, tampando os seios com as mãos e cruzando as pernas.

ADELAIDE

(zonza)

O que... o que houve?

Adelaide se senta no chão, fraca. Vê ao seu redor aquela multidão de escravos e os corpos de sua família espalhados no terreiro da fazenda. Quitéria se aproxima.

ADELAIDE

Perdi tudo... Acabou tudo.

(p/ Nino)

Siga adiante, me mate! Ande, me mata! Termine com isso!

NINO

Não vou fazer isso. Nem eu nem
nenhum de nós.

QUITÉRIA

Você já está amaldiçoada, madame.
Mesmo se nós quiséssemos te
matar, sua maldição falaria mais
alto. Você vai viver para colher
os frutos do seu plantio.

ADELAIDE

Do que está falando? Não estou
entendendo. Não carrego maldição
alguma, era a família do Ramon
que torturava escravos e os
matava, além de animais.

QUITÉRIA

Você tem uma maldição, se deitou
com um padre. Um dia, um espírito
me soprou no ouvido que, quando
uma mulher de família de posses
se deitasse com algum sacerdote,
uma maldição recairia sobre a tal
pecadora como pagamento pela sua
blasfêmia. A mulher viraria uma
mula com chamas no lugar da sua
cabeça. Um ser descontrolado, sem
governo, néscio.

NUNO

A mula-sem-cabeça.

Sem reação, Adelaide se levanta e começa a caminhar rumo à
porteira da fazenda. Anda com certa dificuldade, zonza,
cambaleando um pouco. Está inexpressiva, em estado de
choque, totalmente nua e desnorteada.

Adelaide atravessa a porteira da fazenda e some pela
estradinha de barro.

A colônia começa a se desfazer. Os mortos que voltaram à
vida vão se transformando em pó. Os barulhos das
ferramentas que eles seguravam ecoam pela fazenda. Todos
somem.

Nino olha para Quitéria com medo. Sua expressão está diferente daquele ser inexpressivo que transitava nas últimas cenas.

NINO

Para onde estão indo todos? Eu
vou sumir também?

QUITÉRIA

O feitiço acabou, a missão foi cumprida. O tempo deles aqui já tinha acabado, eles têm trabalhos espirituais mais importantes para fazer do outro lado. Você fica. Paguei um preço pra te trazer de volta.

NINO

Que preço? Achei que só o sangue dessa família maldita bastasse.

QUITÉRIA

Precisei doar uma parte da minha vida. Talvez minha presença neste plano se encerre antes do tempo, mas valeu a pena. Você é o meu filho, a única pessoa que me restou. Sou capaz de qualquer loucura por ti.

Os dois se abraçam. CAM abre nos dois agarrados, revelando a ausência de qualquer outra pessoa no terreiro. Surge, então, o cavalo perdido de Ramon.

NINO

Para onde vamos agora?

QUITÉRIA

Para bem longe daqui.

Quitéria sorri. O cavalo se aproxima e relincha, fazendo a alegria do negrinho do pastoreio.

O cavalo para na frente deles, que sobem no animal e partem dali galopando até o horizonte que apresenta um sol ardente e de luz viva.

FADE OUT.

28. INT. IGREJA - SALÃO PAROQUIAL - NOITE.

FADE IN: Adelaide caminha até a porta da igreja e abre. Do lado de fora está escuro, ninguém aparece no salão, no altar ou no campo de visão. Adelaide adentra o local. O padre surge da sacristia.

DELCÍDIO

Adelaide?! Você está suja, com sangue...

ADELAIDE

Padre, por favor, me ajude a sair da cidade.

DELCÍDIO

O que aconteceu, minha filha?

ADELAIDE

(sorri)

Deus ouviu minhas preces. Estou livre.

DELCÍDIO

Livre como?! O que houve?

ADELAIDE

Acabou tudo. Tudo, padre.

(dá risada, meio insana)

É a minha chance de ir embora e recomeçar. Quero uma vida comum, pacata, tranquila. E longe daqui.

Adelaide ri de felicidade, aparenta certo desequilíbrio. O padre observa, assustado.

DELCÍDIO

É melhor você sair daqui!

ADELAIDE

Foge comigo. Vamos embora desse lugar, dessa cidade maldita.

DELCÍDIO

Não posso fugir, tenho meus
deveres para com a paróquia.
Lembre-se que sou um sacerdote.

ADELAIDE

O senhor não dizia isso quando
levantava sua batina para eu ver
o que tem embaixo, lembra?

O padre se escandaliza. Alcança um frasco com água benta e atira em cima de Adelaide. A mulher recua, parece passar mal. Adelaide cai de quatro no chão, os pingos de água fazem sua pele mudar. Logo, está transformada novamente em mula-sem-cabeça.

O padre faz o sinal da cruz e foge correndo pela sacristia. Adelaide começa a relinchar e galopar pelo salão paroquial, corre até a porta e a derruba para sair.

Do lado de fora, Adelaide sai transformada na mula-sem-cabeça, soltando fogo pela cabeça. Os relinchos ecoam forte por toda a cidade, vários moradores da cidade escutam - na praça principal, na mercearia, no barzinho da esquina.

A mula-sem-cabeça corre disparadamente pelas ruas, até seguir por uma estrada onde vai se distanciando da câmera. Pessoas fecham as janelas de suas casas, outras fogem das calçadas e se abrigam onde podem.

A mula-sem-cabeça continua correndo em disparada até sumir do campo de visão.

TELA ESCURECE.